

INCLUSÃO SOCIAL POR MEIO DOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM CONTEXTOS AMAZÔNICOS

Crisolita Gonçalves dos Santos Costa¹
Sandra Karina Barbosa Mendes²

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar reflexões sobre o subprojeto “Alfabetização e Letramento em Perspectiva Inclusiva” que tem como objetivo promover processos de alfabetização e letramento inclusivos, voltados tanto para alunos atípicos quanto neurotípicos, desenvolvido em uma escola de ensino fundamental no Estado do Pará, no contexto amazônico, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que está diretamente relacionado com a finalidade de desenvolver, nos licenciandos bolsistas, os conhecimentos necessários à proposição de abordagens metodológicas estimuladoras do processo de aquisição, pelas crianças, do sistema de escrita alfabética, ao mesmo tempo em que as engajam em práticas sofisticadas de letramento. A metodologia adotada possui uma abordagem qualitativa, tendo como principais instrumentos de coleta a observação participante e a intervenção pedagógica. Para a realização das atividades, os bolsistas contam com processos de formação, a partir de um plano teórico com foco na alfabetização e letramento em perspectiva inclusiva, para tanto, tem-se como referências principais Magda Soares (2025), Emília Ferreira e Ana Teberoski (1999), Mantoan (2003) ajudando na definição das concepções teóricas e metodológicas a serem aplicadas no momento da vivência prática a qual os bolsistas são submetidos ao inserirem-se no contexto escolar. Os resultados iniciais apontam a necessidade de reflexões mais ampliadas sobre a inclusão de crianças atípicas na escola, visto que muitas delas ainda não contam com processos de inclusão que ultrapassem a garantia do direito de somente estar na escola, principalmente em contextos amazônicos que muitas vezes ainda não consegue garantir a permanência, com qualidade no espaço escolar devido as especificidades locais. Conclui-se que por meio do PIBID os licenciandos podem experimentar a vivência escolar de forma a já garantirem processos de inserção necessários para o desenvolvimento de práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas para o sujeito social.

Palavras-chave: Alfabetização; Contexto Amazônico; Inclusão.

INTRODUÇÃO

No que se refere especificamente ao conjunto de atividades que visam à alfabetização na escola brasileira, é inegável que a reflexão sobre a construção dos processos de leitura e de escrita tem ganhado cada vez mais espaço nas reflexões teórico-práticas de docentes, quer seja no contexto acadêmico quer seja no contexto escolar. Isso porque, em nosso país, ainda

¹ Professora adjunta da Universidade Federal do Pará-UFPA. Campus Abaetetuba. E-mail: crisolita@ufpa.br

² Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará - UFPA; karinamendes@ufpa.br.





são registrados dados alarmantes a respeito dos déficits de alfabetização e de letramento dos estudantes, fenômeno esse intensificado com a pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 e da COVID-19, entre os anos 2020 e 2021. Esse cenário pandêmico agravou ainda mais os índices de analfabetismo entre crianças e adolescentes, uma vez que, distanciados da escola básica, não tiveram oportunidade de superar suas dificuldades com respeito à temática, principalmente em contextos amazônicos.

Cabe destacar que tratar dos processos de alfabetização em contextos amazônicos é ressaltar que a Região Amazônica possui características geográficas, climáticas e populacionais específicas, com extensas distâncias territoriais, locais com baixa e alta densidade demográfica, áreas com fluxo migratório e municípios cujo acesso é predominantemente pela via fluvial ou em estradas precárias. A dinâmica dos rios, marcada por períodos de seca e cheia, exerce influência direta sobre o modo de vida da população e acesso aos serviços públicos prioritários ao cidadão e sua entrada na escola (Couto, 2021).

Quando tratamos da população da Amazônia e seus processos formativos temos que levar em consideração uma especificidade que ultrapassa os limites geográficos, mas sem deixar de evidenciá-los. Os povos que vivem e constituem a Amazônia como os ribeirinhos, os homens e mulheres do campo, os quilombolas, os indígenas e toda diversidade de vida social, vivem processos formativos que não podem de forma alguma, se assemelhar aos que são ofertados em espaços urbanos, por isso necessitam de políticas curriculares, de avaliação e de alfabetização, entre outras, diferenciadas, mas que lhes assegure o direito constitucional à educação e de ser educado a partir do seu próprio meio social.

Tratar sobre a questão de alfabetização tem se configurado com um problema sério em nosso país e isso se agrava quando deslocamos esta necessidade para crianças atípicas, cujo desenvolvimento, segundo Lepre (2008, p.28) caracteriza-se como o “desenvolvimento de crianças que apresentam atrasos e/ou prejuízos em relação às crianças com a mesma faixa etária”, esta caracterização, por si só nos indica que desafios maiores se configuram entorno do processo de alfabetização destes sujeitos, incluindo-se aí as crianças com Transtorno do Espectro Autista-TEA.

Com esse intuito, por meio do Programa de Iniciação à Docência-PIBID, o subprojeto “Alfabetização e Letramento em Perspectiva Inclusiva” que tem como objetivo promover processos de alfabetização e letramento inclusivos, voltados tanto para alunos atípicos quanto neurotípicos,





desenvolvido em uma escola de ensino fundamental no Estado do Pará, no contexto amazônico, vem realizando um conjunto de atividades formativas diretamente relacionadas com a finalidade de desenvolver, nos licenciandos bolsistas, os conhecimentos necessários à proposição de abordagens metodológicas estimuladoras do processo de aquisição, pelas crianças, do sistema de escrita alfabética, ao mesmo tempo em que as engajam em práticas sofisticadas de letramento.

Este relato de experiências objetiva diretamente compartilhar o conjunto de ações formativas e experiências já vivenciadas no contexto escolar, por meio do PIBID, que tem possibilitado aos licenciandos de pedagogia a ampliação de seus espaços formativos para além do espaço da universidade, permitindo que a relação teoria e prática não se construa de forma separada e sim de forma complementar,

Neste sentido, viver o espaço escolar de uma turma de alfabetização com crianças atípicas tem possibilitado aos licenciandos de Pedagogia, maior de vivência e exercício da prática orientada teóricamente, guiando os processos de alfabetização, para que também possam ocorrer em contextos inclusivos, assegurando aos sujeitos o direito de interagir socialmente, a partir de suas necessidades específicas.

METODOLOGIA

Este texto busca aproximações com a pesquisa qualitativa, uma vez que reflete sobre os fenômenos sociais, especificamente o educativo, a partir de uma análise interpretativa e contextualizada da realidade observada. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, principalmente quando trata dos processos de alfabetização e letramento de sujeitos que possuem transtornos em seu desenvolvimento global, como no caso de alunos com o Transtorno de Espectro Autista-TEA, que são os sujeitos da intervenção da ação dos bolsistas Pibidianos, por meio do projeto “Alfabetização e Letramento em Perspectiva Inclusiva: Abordagens alternativas com os alunos atípicos e neurotípicos nas turmas regulares”, desenvolvidos por alunos do curso de Pedagogia.





O presente estudo basea-se, portanto nas experiências vivenciadas no Programa de Iniciação a Docência-PIBID que envolve 24 bolsistas do curso de Pedagogia, objetivando desenvolver nos licenciandos residentes, habilidades e competências necessárias à proposição de abordagens metodológicas favorecedoras do processo de aquisição, pelas crianças, do sistema de escrita alfabética ao mesmo tempo em que as engajam em práticas sofisticadas de letramento, acentuando a necessidade formativa para o trabalho com crianças atípicas.

As experiências aqui relatadas estão direcionadas à reflexões sobre o planejamento das atividades propostas para esse percurso formativo, destes sujeitos em ações, de proposição fundamental no desenvolvimento de sua profissão e que estão relacionadas ao processos de alfabetização e letramento, para tanto o subprojeto, ora envolvido, foi organizado com intuito de qualificar, ainda mais estes estudantes para sua profissionalização, permitindo a compreensão da necessidade de desenvolvimento de ações de intervenção junto a grupo de alunos que apresentaram diferentes níveis de construção de escrita, a partir de estudos do referencial Soares, (2020), Ferreira e Teberosyi, (1991) e Mantoan (2003).

Assim a metodologia cumpre a função de esboçar o percurso até aqui percorrido neste projeto, envolvendo as formações no campo teórico que abarcaram as orientações teórico-metodológicas sobre alfabetização, letramento, inclusão, a elaboração e aplicação de instrumento de avaliação diagnósticas dos níveis de escrita e leitura das crianças atípicas e neoróticas, além da propostas de intervenção inicial aplicadas nas turmas em que o projeto se desenvolve.

REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão dos processos de alfabetização prevista no subprojeto está fundamentada em concepções de alfabetização e letramento como práticas indispensáveis para a inclusão social dos sujeitos, por isso, precisam ser cuidadosamente desenvolvidas nos educandos das escolas brasileiras, partindo de uma visão de direito do cidadão. Como direito deve ser assegurado à todos, levando em conta as diversas especificidade dos sujeitos e suas condicionalidades.

Para esta efetivação precisamos de teorias que sustentem uma compreensão dos processos de alfabetização e letramento a partir do entendimento de que a alfabetização



representa a aprendizagem do sistema alfabético, enquanto o letramento é parte da aplicação social, como interpretação, comunicação e interação. Neste sentido Soares (2020) conceitua o processo de Alfabetização como:

Processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas - procedimentos, habilidades - necessárias para a prática da leitura e da escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas; habilidades motoras de uso de instrumentos de escrita (lápiz, caneta, borracha) (p.27).

Já o letramento é explicado como:

Capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com outros, para emergir no imaginário (Soares, 2020, p.27).

Estes construtos teóricos são orientadores da compreensão de que estes dois processos devem acontecer de forma simultânea para que o sujeito social possa, assim, garantir seu processo de desenvolvimento, superando práticas que centralizam a compreensão da alfabetização como a aprendizagem de um código desenvolvido por meio da identificação de grafemas, cabendo destacar que “[...] aprender o sistema alfabético não é aprender um código, memorizando as relações entre letras e sons, mas compreender o que a escrita representa e a notação com que, arbitrária e convencionalmente, são representados os sons da fala, os fonemas.” (Soares, 2020, P. 11).

As reflexões aqui apresentadas também são orientadas pelos estudos envolvendo a psicogênese da linguagem oral e escrita, para a qual foram utilizadas as reflexões de Ferreira e Teberosky (1991) que destacam quatro níveis de hipóteses de escrita são, eles: pré-silábico, silábico (com ou sem valor sonoro), silábico-alfabético e alfabético que permitiram o entendimento que o desenvolvimento do sistema de escrita alfabético se dá num processo de construção à medida que o sujeito/educando é estimulado a desenvolver seu sistema de escrita, entendimento da fala e produção de ideias a partir do que consegue ler.

Cabe destacar que este processo não se apresenta de forma linear e em condições idênticas aos diversos sujeitos, devido suas particularidades e especificidades o que exige atenção e planejamento constante do educador que tem a responsabilidade em organizar um





conjunto de atividades estimuladoras do processo de aprendizagem dos alunos e que necessita de processos de reflexão constante sobre a prática a ser desenvolvida, principalmente a partir de uma visão de inclusão social.

As práticas de alfabetização pensadas e orientadas teoricamente, a partir de uma perspectiva de inclusão devem ser desenvolvidas numa escola que priorize sua organização didático-pedagógica, por meio de processos de ensino e aprendizagem que tornem possível que crianças, principalmente atípicas, tenham seus ritmos de aprendizagens respeitadas. Essas estratégias podem e devem considerar a reformulação dos currículos, adaptações de recursos, técnicas e avaliações para alunos/as com desenvolvimento típico e atípico e, principalmente, devem considerar o aperfeiçoamento dos/as profissionais envolvidos/as (Mantoan, 2000).

Quando abordamos a questão dos processos de alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), se faz necessário que conhecer as especificidades do transtorno é um passo inicial para compreender como estes aluno/as podem aprender, isto porque o momento de alfabetização dos sujeitos vai além da sala de aula, ler e escrever se constituem como construção cultural, na qual a escola pode se configurar como principal orientadora do processo, mas a vivência social da cultura letrada se dará no contexto em que o sujeito estará inserido, portanto para o aluno com TEA o desenvolvimento de práticas de leituras e escritas dentro da escola devem ser reforçadas em outras instituições sociais, mas ter um trabalho orientado pedagogicamente para as especificidades destes sujeitos se faz fundamental, pois garante a promoção de uma educação inclusiva.

Mantoan (2003) defende que uma educação inclusiva não está relacionada a assegurar que os sujeitos possam estar na escola, ter acesso físico a este espaço, mas prioritariamente possibilitar a garantia da participação ativa destes sujeitos de forma significativa. Essa compreensão do espaço escolar amplia o olhar da função dos processos educativos da escola e o redireciona para a promoção de uma aprendizagem significativa para todos/as que nela convivem e que necessitam de estímulos diferenciados para aprender, pois possuem ritmos também diferenciados para aprender, permitindo a nossa compreensão de que a alfabetização é um processo que vai muito além de ensinar códigos que envolvem a leitura e a escrita, mas está diretamente relacionado à processos de interação e socialização dos sujeitos.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com intuito de possibilitar aos licenciandos maiores processos formativos relacionados as temáticas que envolvem diretamente o subprojeto foram ofertadas, de forma presencial e online formações sobre as seguintes temáticas: Alfabetização, letramento, educação inclusiva, abordagens pedagógicas e perfil de alunos atípicos, além de mini-curso sobre consciência fonológica e alfabetização objetivando ampliar os processos formativos vividos pelos discentes na universidade e já colocando-os em processo de reflexão sobre a realidade observada para que pudessem, a partir desse encontro, pontuar a necessidade de que suas práticas educativas precisam ser orientadas por um postura teórica. Algumas destas atividades estão destacadas nas figuras 1, 2 e 3.

Figura 1, 2 e 3- Eventos formativos organizados pelo PIBID



Fonte: Acervo das autoras

Como o subprojeto aqui abordado trata de práticas de alfabetização direcionadas às crianças atípicas e neoróticas o eixo inicial foi ampliar estes processos formativos dos licenciando de Pedagogia, que pela proposta curricular do curso ainda abordava de forma limitada os aspectos específicos da compreensão da alfabetização e da educação inclusiva. Assim os encontros formativos subsidiaram este “aprender” necessário sobre a alfabetização, educação inclusiva, sobre TEA, sobre as práticas pedagógicas diversificadas e permitiram aos licenciandos a compreensão de que este trabalho não pode partir de reflexões limitadas, além de reforçar a atuação do PIBID, como importante elementos formativo que ajuda a valorizar e aprimorar a formação docente de nossos futuros professores, para que estes possam ao inserirem-se no contexto escolar, também assegurar que este espaço dialogue com novas





metodologias e novos olhares se efetive, proporcionando o diálogo e a troca de saberes entre Universidade, Comunidade e Escola (Alexandrino, 2020).

A inserção na sala de aula foi o momento do encontro com cotidiano escolar, observar as práticas, os desafios e contexto de sala de aula, principalmente turmas de 1º anos onde o processo de alfabetização está se efetivando foi um momento muito importante para nossos licenciandos. Cumprindo os objetivos do subprojeto eles observaram as práticas de alfabetização adotadas pela escola, além do desenvolvimento da proposta de inclusão no espaço escolar principalmente de crianças com TEA, para que posteriormente pudessem avaliar os níveis de leitura e escrita das crianças

Neste sentido inicialmente foi realizada uma avaliação diagnóstica para que os residentes pudessem identificar em que níveis de escrita os diversos alunos encontravam-se, orientados pelas concepções de alfabetização e inclusão do referencial teórico indicado e estudado a partir dos encontros formativos com orientadores e supervisores, visto que a avaliação é um instrumento de reflexão que pretende direcionar o trabalho pedagógico do professor para atender as necessidades de formas individuais dos alunos.

A formulação da diagnose ocorreu por momentos de planejamento entre os coordenadores, os bolsistas e os supervisores de cada turma, num total de três turmas atendidas. Após avaliação sobre os instrumentos os bolsistas aplicaram a diagnose e puderam identificar, com base na psicogênese da língua escrita os níveis de escrita das crianças.

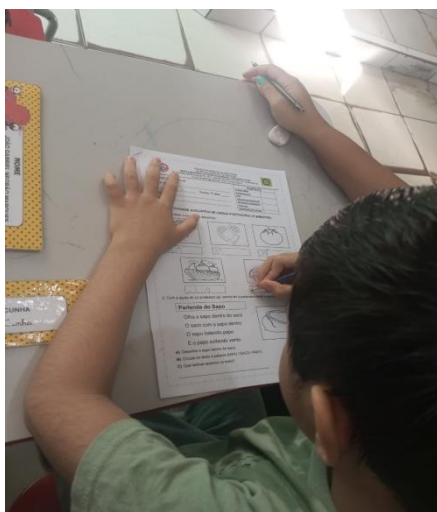
Todas as atividades de avaliação envolveram diretamente o texto como orientador, a partir dos textos selecionados por cada equipe foram criadas um conjunto de atividades que pudessem permitir aos bolsistas a identificação dos níveis de escrita das crianças e com observação mais detalhada das crianças atípicas com TEA, foco prioritário do desenvolvimento do subprojeto. As atividades envolviam apresentar o texto por meio da leitura do mesmo, a apresentação de imagens referentes ao texto, solicitação de identificação de palavras do texto, leitura de palavras do texto, além da escrita de palavras de um mesmo grupo semântico referente ao texto utilizado como orientador da avaliação.

É importante salientar que a avaliação diagnóstica cumpre função de orientação da prática pedagógica permitindo que todo o planejamento possa está alinhado aos objetivos coletivos e individuais da turma. Sem uma avaliação diagnóstica o docente não tem como definir o que deve trabalhar e nem como trabalhar, ela é o guia do que precisa ser realizado,



principalmente quando se trabalha com crianças com TEA onde a necessidade de conhecimento sobre o espectro é fundamental, visto que o transtorno do espectro autista também é definido por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, que aparecem em uma série de manifestações de acordo com a idade e a capacidade, de intervenções e apoios (Almeida, 2019), ressaltando que este trabalho precisa ser bem planejado e embasado em processos de reflexão como de uma avaliação inicial.

Figura 4- Aplicação de diagnose



Fonte: Acervo de fotos do Projeto Pibid Pedagogia (2025)

As atividades diagnósticas foram realizadas e o foco no aluno com TEA permitiu mais claramente a identificação do nível de desenvolvimento da escrita, da leitura e de práticas de letramento destas crianças, além das crianças neurotípicas que apresentavam dificuldades nesse processo.

Após a aplicação da diagnose houve o momento de análise dos dados coletados, com base nos referenciais estudados e foram elaboradas as avaliações de cada turma, que foram socializadas em um encontro formativo que reuniu todos os bolsistas, supervisores e coordenadores deste subprojeto, objetivando compartilhar experiências vivenciadas na escola e criando possibilidades de reflexão e problematização sobre a prática pedagógica e seus processos formativos.

Após a socialização das avaliações diagnósticas, em uma reunião de planejamento os grupos de bolsistas foram orientados a elaborar uma proposta de intervenção para que pudesse ser implementada nas escolas a fim de que fossem promovidas um conjunto de atividades que





auxiliassem os alunos a avançarem nos níveis de escrita e leitura que se encontravam, permitindo que seu processo alfabético se concretizasse.

A proposta de intervenção, elaborada para cada turma, teve como prioridade desenvolver um conjunto de atividades, a partir da identificação das dificuldades de escrita e leitura das crianças que foram transformados em objetivos, assim a prioridade foi construir estratégias diferenciadas que permitissem o contato com escrita, a leitura e práticas de letramento visando aprimorar as habilidades de leitura e escrita dos alunos, focando na organização espacial, coordenação motora fina, convenções ortográficas e formação de frases, utilizando textos dos diversos tipos como base.

As atividades se basearam na utilização da escrita pelos alunos como ferramenta de comunicação, expressão e participação social, principalmente aos alunos com TEA. Cabe destacar que alguns deles são de níveis de suporte 1 e outros 2 exigindo muita atenção no planejamento das atividades para que os mesmos consigam envolver-se e desenvolver as habilidades necessárias, assim as atividades de intervenção adotaram dentre outras estratégias o uso de: 1- **Leitura de textos:** para apresentação do texto escrito, suas funções; 2- **Visitas/passeios** para espaços de referências a partir dos textos estudados enfatizando o contexto a ser trabalhado; 3- **Uso de pictogramas e imagens:** por meio da apresentação de cartões ou figuras que indiquem a palavra junto da imagem (por exemplo: a palavra árvore acompanhada do desenho de uma árvore), facilitando a associação entre o objeto e a palavra escrita. 4- **Alfabeto móvel:** foram disponibilizadas letras móveis de EVA, materiais recicláveis para que os alunos manipulassem e montassem palavras relacionadas ao tema trabalhado; 5- **Escritas adaptadas:** utilização de folhas com linhas ou espaços que vão diminuindo de tamanho, com palavras relacionadas ao tema trabalhado (folha, árvore, água, sol, frutas, etc), com o objetivo de incentivar a criança a escrever letras menores e aprimorar o controle da escrita; 6- **Produções ilustradas com legendas:** espaço reservado para as crianças expressarem suas ideias por meio de desenhos acompanhados de palavras ou frases simples, como forma de valorizar a sua comunicação e produção textual.

As atividades desenvolvidas foram muito discutidas e adaptadas às necessidades de cada aluno com TEA, como por exemplo na turma em que temos um aluno com sensibilidade auditiva aí os grupos foram cuidadosos em selecionar as atividades que não provocassem barulho e permitissem a participação desta crianças em toda a proposta de intervenção.





Todas as atividades desenvolvidas foram realizadas até novembro de 2025 e agora as crianças passarão novamente por uma avaliação diagnóstica para que sejam identificados os avanços no processo de alfabetização, além das dificuldades, permitindo que novos processos reflexivos sejam criados dentro de uma perspectiva de alfabetização, por processos de inclusão para alunos atípicos (com TEA) e neurotípicos com dificuldades em seus processos de alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências até aqui vivenciadas por meio do subprojeto “Alfabetização e Letramento em Perspectiva Inclusiva” tem nos possibilitado refletir que a vivência no PIBID e a oportunidade de iniciação à docência tem permitido aos bolsistas inseridos, não apenas oportunidades práticas, mas também o exercício inicial de compreensão que a reflexão sobre a prática deve ser orientadora de qualquer postura docente.

Compreender os desafios do cotidiano da escola que tem como objetivo desenvolver os processos de alfabetização é uma rica oportunidade para que os licenciandos possam, desde o começo de sua formação acadêmica experimentar esta realidade, refletir sobre ela e já propor ações e metodologias favorecedoras de um ambiente rico e de aprendizagens significativas, principalmente para o aluno atípico e que muitas vezes, acaba isolado em seu ambiente escolar.

Nesse sentido, o PIBID tem revelado para os estudantes de Pedagogia um contínuo processo de aprendizagem sobre o universo escolar, seus desafios e possibilidades, adquirindo conhecimentos essenciais para sua futura atuação como docente e enfatizando que a alfabetização, torna-se um processo que vai além do domínio técnico da leitura e escrita, mas que envolve a interação, socialização e o contato com o outro, na construção da identidade e das relações do sujeito, evidenciando que por meio do subprojeto são eficazes práticas de alfabetização fundamentadas, tanto na psicogênese como no letramento, garantindo a inclusão social, mesmo em contextos tão diversos da Amazônia.





REFERENCIAS

ALEXANDRINO, Daniela Fantoni de Lima. **O papel do PIBID diante de uma formação docente voltada para a educação inclusiva: pontos e contrapontos.** In: OLIVEIRA, Maria das Graças de; OLIVEIRA, Maria José de; OLIVEIRA, Maria Aparecida de (Org.). Ensino: práticas e reflexões. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2020. cap. 4. Disponível em: https://editora.uemg.br/images/livros-pdf/catalogo-2020/Vol_Ensino/cap4.pdf. Acesso em: 20 de out. 2025.

ALMEIDA, Izabel Cristina Araujo. **Alfabetização de alunos com transtorno do espectro autista (TEA): concepções e práticas dos professores.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação, Feira de Santana, 2019. 147 fls.

COUTO, R.C.S. Saúde e ambiente na Amazônia brasileira. **NAEA**. 2021;23(3):167-178

LEPRE, R. M. **Desenvolvimento humano e educação: diversidade e inclusão.** Bauru: MEC/FC/SEE, 2008.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Educação para todos: desafios, ações, perspectivas da inclusão nas escolas brasileiras. **Rev. online Bibl. Prof. Joel Martins**, Campinas, SP, v.1, n.3, jun. 2000.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Editora moderna, 2003.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

